

Ilustração Portuguesa



Natal 1921

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00 — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — "no 34\$00.

Redacção, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 48, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.^a L.^a** da
R. Nova do Almada, 6. 2.^a
Telefone 2536 LISBOA



Pasta dentifrica

COURAÇA

M. B. B. Teixeira

230, RUA DE S. BENTO, 236

TELEFONE 1364 — Central

LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e crianças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra.—Diplomada com frequência em massagem MEDICA ESTETICA, pedicure, manicure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'ORTOPEDIA E MASSAGEM.—Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Anfiga professora diplomada inscrita e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Endereço telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portugal e o mais importante da Peninsula

3641 — C.

BELEZAK

Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade aplicada sob todas as suas formas

Massagem medica, esthetica e higienica, manual e combinada de electricidade, massagem ultravioleta e pneumática

Produtos Rainha da Hungria

Pó de Talco Rainha da Hungria — Contra a vermelhidão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto devido às perturbações da circulação, pruridos, eczemas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria — O mais delicioso e perfumado.

Creme Rainha da Hungria — Deliciosamente perfumado.

Pó Rainha da Hungria — Extracto para assetinar e aveludar a pele.

Agua Rainha da Hungria — Limpa e fecha os poros e evita os pontos negros.

Pó de Arroz Rainha da Hungria — Magnifico para a pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

N' venaa em todos os bons estabelecimentos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA



COMPOSIÇÃO DE MAMIA ROQUE GAMEIRO

O INVERNO

MEZ de dezembro. O inverno começou a desenrolar-se em *film* interessante e colorido. O límpido céu português, de sol dourado, quasi nos faz crer que as arvores despidas de folhas são o acessório melancólico dum cenário mentiroso e o frio cortante numa ilusão doentia.

E está frio, um frio que o nordeste aviva e vai avivar o carmin dos rostos.

De noite, nestas noites de cidade, em que raramente erguemos os olhos ao céu, as estrelas lustrosas tremeluzem indiferentes, vendo passar as *estrelas* da terra, de olhos luminosos, de sorriso claro, na elegância dos vestidos caros.

Enfeita-se o pinheiro festivo das arvores do Natal, que as crianças pobres fitam com olhos cubíquos. Os automóveis passam, carregados de brinquedos, com os vidros brilhantes e os *chauffeurs* ricamente agasalhados.

Os últimos retardatários recolhem a capital, vacilando entre o inverno que os atrai e o receio que os retém. O pulso da cidade ainda está febril, ha o mal estar latente dum enervamento de incerteza.

E o Natal chega... a festa da paz, da família, das crianças... das crianças que põem na lareira o sapatinho minúsculo, delicado, que ás vezes é um sapatinho rôto de pequenino pobre, que tem por um acaso feliz uma ternura de mãe piedosa e crente.

Ha violetas e cravos nos floristas, violetas rôxas, cravos roseos, perfumados, frescos. Nas *montres* ha joias e bolos, peles e veludos. Aparece o livro novo, os teatros anunciam *premières*, fala-se de S. Carlos e de *réveillons* elegantes, e de vez em quando uma bomba estrondosa chama-nos a uma realidade perturbadora e séria.

Mas a vida segue, nessa ansia de viver característica nas épocas revolucionárias, a vida caríssima que faz perder a noção da conta de somar. Ha coragem inconsciente, frivolidade despreocupada, egoísmos insensatos.

Os asilos sofrem, os pequeninos choram, os velhinhos penam.

E o Menino Deus, que os cristãos ha vinte séculos deitam nas humildes palhinhas dum presépio, ensina-nos a simplicidade, o amor e a paz.

Mez de dezembro. Inverno gelado. Chega o Natal. Pensemos nos pobres.

MARIA DE CARVALHO

Uma das nossas leitoras da Beira Baixa, concelho de Seia, acaba de nos enviar o soneto que em seguida publicamos, em atenção á gentilíssima senhora e por entendermos que a sua publicação deve ser agradável a alguns dos nossos colaboradores.

Eis o soneto:

*A minha alma já quer há muito tempo,
Contar um segredo á Ilustração;
Mas tem medo que seja indiscrição
Perdoem pois o meu atrevimento.*

*Os poetas que admiro são só trez,
Não sei d'onde me vem a opinião,
Pois entraram no meu coração,
Juntinhos como a conta que Deus fez.*

*Dizer os nomes não me custa nada,
Mas sinto-me um pouco envergonhada
Vá lá, sempre digo... o coração manda...*

*Os poetas da minh'alma acreançada,
Alma de quinze anos agorotada,
São a Virginia, o Ferro e a Fernanda.*

«MARIA».

E' evidente que se trata de Antonio Ferro, Virginia Vitorino e Fernanda de Castro. A' gentilíssima leitora e inspirada poetisa, agradecemos reconhecidos em nome dos felizes contemplados.

N^O passado numero publicou a *Ilustração Portuguesa* na 1.^a pagina, o retrato da filha mais nova do distinto pintor Carlos Reis, que ha dias, juntamente com seu irmão, o pintor João Reis, inaugurou na Rua da Trombeta uma exposição dos seus ultimos trabalhos. Por lapso houve uma mudança de nomes. O retrato publicado é da sr.^a D. Maria Luiza Reis, e não da sua irmã, a poetisa Maria Leonor Reis, como disse a *Ilustração*.

O *Diario de Lisboa* publicou ha dias um artigo em que se tratava do preenchimento da vaga deixada na Academia de Sciencias pela morte da grande escritora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. A *Ilustração Portuguesa* entrevistou algumas das senhoras indigitadas para o *fauteuil* da Academia.

—Que pensa a este respeito?—perguntámos á uma poetisa há pouco enriquecida—gostava de ir para lá?

—Eu não... Nunca vou para *fauteuils*. Só se me dessem camarote...

O proximo numero da *Ilustração Portuguesa* é colaborado pelos melhores escritores portugueses. Deram-nos a honra de dar colaboração inédita para esse numero, entre outros nomes, o grande poeta Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, D. Branca de Gonta Colaço, Virginia Vitorino, Fernanda de Castro, Dr. Samuel Maia, Nunes Claro, Souza Costi, João Ameal, Manuel de Souza Pinto, Dr. Aliredo Pimenta, Americo Durão.

O numero será profusamente ilustrado por Alice Rey Colaço, Milly Passos, Albert Jourdain, Almada Negreiros, Jorge Barradas, Apeles Espanca, Leitão de Barros, Rocha Vieira e Bernardo Marques. A capa é de Manuel Gameiro, filho do ilustre pintor Roque Gameiro.



A N A T O L E F R A N C E

M. Berget, ou por outra, Anatole France, quando o vi a vez primeira, ha já um bom par de anos, usava ainda uma *pèra* de coronel tarimbeiro na reserva, tal como outr'ora Carriere e Henri Martin o haviam retratado. Alto, insinuante, levemente curvado e vagaroso nas falas, o Mestre da «Jeanne d'Arc», socialista e crente apesar do seu septicismo, apenas agora está mais branco e de barbicha mais livre. Os seus olhos é que já eram os mesmos do quadro ultimo de Van Dongen, o genial colorista das mundanices deste Paris novo-rico. Só nos olhos de Junqueiro vi a expressão formidável dos do autor da «Thais», ainda que os deste, filosofo e burguesoide, fossem mais fracos de cor e de brilho, menos verrumantes, menos aguias, como soe dizer-se em calão de café.

Anatole, como qualquer Deus deste vale de lagrimas, vestia uma quinsena singela, e na cabeça trazia um barretinho encarnado, unica nota viva que além do seu olhar se lhe descortinava ao primeiro remarque. Estava doente, disse-me, e andava preocupado com a saude de uma Senhora a quem muito queria, e que eu presumo ser Aquela a quem ha poucos meses ainda, segundo os *cartels* bisbilhotaram, ele ofertou o anel de noivado, com receio da morte. De resto, logo á entrada, a velha que me abria a porta da *Vila* florida, me mostrou haver tristesa em casa.

Anatole, scéptico e incrédulo, se teme a morte é porque precisa da vida para escrever... o testamento, pelo menos. Sereno, de sorriso resignado, falava pouco e sem nervos, sem apostolizar nem pensar em Deus, como um filósofo que espera conscienciosamente, superiormente, o feixe da consciencia, para a sua gloriosa vida de artista e pensador.

Quando o procurei na Avenida do Bois, na Villa Said, *Vila* cheia de maravilhas góticas e romanicas, ia-lhe apresentado pelo deputado socialista do meu *arrondissement*, através duma carta singela que este lhe escrevera. Recebeu-me simplesmente, fazendo-me apenas aguarda-lo uns cinco minutos, tempo suficiente para que eu notasse umas esculturas, faianças e umas arcas antigas da sua ante-camara. Aberta a porta, ei-lo que aparece com um palido sorriso agasalhador. Os seus olhos acharam-me joven.

—Deseja então fazer o meu busto?... Pois muito prazer me dá. Apenas o meu tempo é curto... Mas sempre lhe destinarei algum.»

—Mestre, titubiei: Eu pouco mais desejo que vê-lo. Não ousou roubar-lhe muitos minutos, porque seria roubar preciosidades d'arte. Seria maior crime que roubar uma montra de joalheiro...

Sorriu como menina maliciosa que não crê nas amabilidades, e contou-me a historia do busto de Victor Hugo feito por Rodin, de quem me pareceu

não gostar. Eu já não a conhecia mas escutei-o como quem ouve um conto inédito.

—«Conhece a minha obra? interrogou-me. E qual lhe agrada mais dos meus *bouquins*?»

Tremi e mal soube responder-lhe. Como se me fchassem a memoria rapidamente, havia-me esquecido até dos titulos dos seus livros.

—Conheço. A melhor que conheço, a minha *Mestra* que só existe na minha ancía, o seu «*Lys Rouge*,» disse então como quem me arranca um dente, é talvez o que mais me emociona...

Sorriu de novo e ajudou-me.

—«Sim... Também gosto desse livro. Mas tenho outros que prefiro. Porém, você ainda é novo para os estimar de preferencia... O Senhor é hespanhol?»

—Não, Mestre. Sou português. Vós sois o literato francês que na minha terra mais se estima. Lêmo-lo como quem lê a Biblia...

—«O senhor é religioso, pelo que vejo...»

—Todo o português o é, respondi pimponamente.

—«Eu sei... eu sei... Sempre me interessou Portugal pelo seu cavalheirismo...»

—Que é um modo de ser religioso, interrompi.

—Portugal tem bons poetas, sei bem. E prosadores?»

O meu país é um país de fé e de lenda. E' o mar que nos ensina os versos. A nossa prosa são resas...

—Lembro-me de Eça de Queiroz, um artista sublimado...

—Infelizmente só esse se conhece cá fóra. Ainda bem que é dos maiores. Mas temos outros, muitos...

—«Eu sei de Portugal pela sua Historia... A India... Camões... Tenho até amigos portugueses! Artistas é que não conheço.»

Citei-lhe uns tres ou quatro. «Falei-lhe de Nuno Gonçalves que não conhecia. Tão pouco Sequeira nem Soares dos Reis.

Escutou-me em silencio. Olhou um relógio. Falamos um pouco mais do nosso busto, combinamos um encontro, e o Mestre correu a buscar-me umas fotografias subsidios, apressado porque alguém o esperava.

Fixei o ambiente cheio de belesa. Moveis com ferriarias virgens de madeira polycromada, livros, faianças, recordações... Bom gosto e riqueza; tradição e espiritualidade.

Reaparece o Deus. Acompanho-me até á portada, estendeu-me uma mão magra, ossuda, sorriu, olhou-me até cá dentro e ao despedir-se pediu-me *beaucoup de de choses* para o comum amigo que nos aproximara.

Cá fóra, respirei largo. Corri ao atelier e esbocei um busto a murro. Ainda o conservo.

Já lá vae um bom par de anos... Que longa foi a guerra!...



SEM RASTRO

(Ao Guilherme de Carvalho Junior)

Lisboa, um salão de chá com as características banais e pobres dum salão de chá publico e moderno. Seis e meia das. Apenas tres mesas ocupadas: a primeira por uma americana de passagem, escrevendo postais ilustrados com uma caneta de tinta permanente; outra por uma portuguesa planturosa, cabelos dum negro vidrento, espreitando de dentro da sua pelica e através a rotula do véo a chegada d'alguem; a terceira mesa por dois homens dos seus trinta e poucos anos — Americo e Vicente.

Americo — E aqui tens tu a minha vida: aturar as confidencias do Pedro, desarmar-lhe os desesperos, consolá-lo e repreendê-lo, semp e à espera de que ele faça uma tolice. Para que não-haja homem mais tólo do que o apaixonado, basta a paixão ser a mais rematada das tolices!

Vicente — Não, o Pedro não fez nem faz nenhuma tolice. Apaixonou-se? Ela não é nenhuma asneira! Fez muito bem. Ela despediu-o? E' a sorte dos crea-

dos e dos amantes. Uma vez são despedidos, outras são eles que se despedem. Zangam-se, berram, ameaçam, por fim encontram outra casa ou outra mulher, e esquecem.

Americo — Mas enquanto não encontram outra casa ou outra mulher dizem mal da casa ou da Vida.

Vicente — Coitados! Gente sem colocação!... O desespero dos desempregados!

Americo — Ora dêsse desespero dos amantes de-

sarrumados é que eu tenho medo. Dou-te a minha palavra de honra: entre guardar um amigo apaixonado e velar um doído não há diferença nenhuma!

Vicente — As paixões são justamente como as fúrias dos alienados — quanto mais violentas mais breves. Depois vem um período de acalmia, soçegam,

Americo — Por via de regra...

Vicente — Sempre! De paixão há quem tenha morrido. Nunca viste ninguém viver em plena paixão, nem um louco viver em pleno acesso.

Americo — Com o Pedro não sei... Se visses que torturava viver o daquele rapaz...

Vicente — Cura-se e breve. É um caso clássico, vulgar na minha clínica de almas. Não há muito tive um doente semelhante, hoje radicalmente curado. Foi um caso bonito!

Americo — Parecia-se com o do Pedro?

Vicente — Como o mesmo trecho duma serra da Beira vista ao luar de dois janeiros!

Americo — Gente conhecida?

Vicente — Estás deserto por saber...

Americo — Interessa-nos sempre a doença e o doente que se parece com as nossas enfermidades ou com enfermidades que estimamos.

Vicente — Deixa sair essa americana que eu faço-te a história do meu caso...

Americo — Do teu caso?!

Vicente — ...Clínico.

Americo — Ah! Julguei...

Vicente — O quê? Que era eu o... Werther? Oh! filho!...

Americo — Perguntar não oínde.

Vicente — A's vezes...

Americo — Vamos lá a ouvir, que os creados querem pôr as mesas para o jantar.

Vicente — Ação do 1.º e 5.º acto passa-se em Paris. A do 2.º em Lisboa.

Americo — Actualidade?

Vicente — Actualidade. Plena guerra europeia. Personagens: uma mulher...

Americo — Casada?

Vicente — Já se sabe... e um homem... solteiro. Ele está em Paris, numa fabrica de munições. Ela vai lá parar, acompanhando o marido levado a França pela guerra.

Americo — Portugueses.

Vicente — Todos portugueses. Ela fica sosinha em Paris e os dois encontram-se de outros portugueses. Conversam. Grande impressão, nenhuma premeditação de corte. Dias depois tornam a encontrar-se...

Americo — O diabo tece-as.

Vicente — Em geral, o diabo não leva a teia até ao fim, quem a conclue são os amorosos. Estes não fugiram ao seu destino. O terceiro encontro ainda foi casual mas prenunciado da cumplicidade tácita de outros sucessivos.

Americo — Até aqui banal como um registo civil.

Vicente — Banalissimo! Adoraram-se, era a felicidade, e a felicidade é sempre banal. Sem um prologo de lágrimas ou um epilogo de sangue, a felicidade não dá uma novela, uma peça de teatro, um soneto. A felicidade é uma casa nova que cheira a tintas. Essa casa castigada de temporaes, com as vidraças estilhaçadas por ventania de desgraça, povoada de almas do outro mundo, com criptogâmicas na pedra da soleira, com fendas a abrir rugas nas paredes, o telhado às calvas, uma trepadeira brava a selar-lhe as grades do jardim; essa casa, com a melancolia da idade e o encanto do sofrimento, sim, é uma singularidade, um prestígio.

Americo — Tens razão! Até para os que a vivem, a felicidade só assume grandeza depois de ameaçar ruína.

Vicente — A beleza inspirativa dos velhos castelos! A questão é construir. O tempo é implacável. A ruína é certa. O castelo da felicidade quanto mais tempo tem de construído mais perto está da ruína ou da morte!... Ao lindo castelo por essas duas personagens construído nas suas almas, não foi pre-

ciso muito tempo para a patine da desventura lhe enegrecer os altos muros...

Americo — Surgiu o...

Vicente — Nada disso. Era o período agudo do conflito europeu. Nas fabricas de munições trabalhava-se de dia e de noite. Ele era um soldado, a quem os soldados que se batiam haviam confiado parte da victoria, a felicidade de entes que amavam e de quem eram amados. Esses amores mandavam no seu amor individual. E tinha séries de seis dias em que não saía da fabrica. Ela entrou a estranhá-lo.

Americo — Não sabia ela o que o prendia?

Vicente — Vai lá convencer uma mulher que o homem que ela ama a não pôde ir beijar todos os dias! A mulher em amor é burocrata: entradas e saídas às horas regulamentares, pontualidade de repartição.

Americo — Vieram as inevitáveis scenas?...

Vicente — Na primeira folga correu a casa dela. Bateu, bateu, e ninguém! Ao descer, perguntou à porteira: «A senhora do entresol?». «A senhora do entresol já cá não está.» «Para onde foi?». «Não disse.» E quando ele ia a sair: «O senhor é o sr. fulano de tal?». «Sou, sim, senhora.» «Ah! então talvez seja para si esta carta que a senhora deixou para lhe ser entregue no caso de a procurar.» «Está claro que é!», respondeu, arrancando-lhe da mão a carta que a escarvinha malevolencia da porteira não mostrava pressa de entregar-lhe. A carta...

Americo — Carta precatoria?...

Vicente — Longe disso. A carta, muito breve, dizia em resumo: que presentia no amor dele os prenúncios do outono; que, por enquanto, era apenas o amarellecimento da folha, é certo, mas que ela não dispunha de forças para assistir ao desplumar da arvore da sua ilusão; por isso, antes que entrassem os primeiros frios e o coração de todo gelasse para ela, que se afastava.

Americo — Isso é o que se chama um grito de «agarrá-me que eu fujo».

Vicente — Parece mas não é. A carta concluía exactamente por este aviso: «Não tente procurar-me. Embora eu vá para Portugal e Portugal não seja o infinito, não me encontrará.»

Americo — E ele?

Vicente — Ele fez o que tu ou eu faríamos, o que faz todo o homem a quem foge o que ele imagina ser a sua felicidade.

Americo — Foi atrás dela?

Vicente — Pois já se deixa ver. Pediu quinze dias de licença e abalou para Portugal. Quando chegou a Lisboa, descontado o tempo para a viagem de regresso, ficavam-lhe tres dias. Correu tudo, lançou mão de todas as agencias de informação secreta.

Americo — E não a encontrou?

Vicente — Tinham-se passado dois dias e nem sombra! Sabendo que ela deixara dois filhos num collegio, telefonou para todas as casas de educação. Só numa presentiu uma hesitação na resposta. Talvez não compreendessem logo o nome... Fosse o que fosse, negaram que estivessem lá filhos dessa senhora. Amanheceu o terceiro dia...

Americo — E...?

Vicente — E anoiteceu o ultimo dia de que ele dispunha para estar em Lisboa. A poucas horas de tomar o comboio para França, esse homem fazia dó! A paixão, mas a paixão á Beyle, a paixão em carne viva, sangrando, desesperada, estava ali, a jorrar maldições do peito daquêle infeliz. «E pensar que hei-de viver, que hei-de trabalhar!...» exclamava ele. Partiu na manhã seguinte.

Americo — Sem saber nada dela?

Vicente — Sem rastro sequer. Ao voltar da estação, tinha a impressão de que vinha de deixar um amigo no manicómio ou no Alto de S. João. Dez horas a darem, e á porta da agencia de policia privada que o meu amigo encarregara de continuar as pesquisas. Nada! Voltou á tarde, sete horas, ainda luz de dia. Era verão. A agencia conseguira saber, meia hora antes, o paradeiro de Madame Z: estava em casa dos pais, rua tal, numero tantos.

Americo — A felicidade vem sempre ter connosco, mas atrasada! Por isso quasi nunca nos encontra.

Vicente — Fui ali ao telegrafo, e dois dias depois de ele chegar a Paris, tinha lá a morada da sua Paixão.

Americo — Pediu outra licença, voltou a Lisboa...

Vicente — Não voltou. Deve ter-lhe escrito, a contar a sua viagem, o seu desespero, a forma romanesca como a procurará e viera a saber do seu paradeiro.

Americo — Com o que ela gosou decerto muito mais do que se ele lhe tivesse chorado nos braços!...

Vicente — E' de crêr. As mulheres gostam de saber que nos fazem sofrer mesmo quando não gostam de nós.

Americo — ... E as trovoadas passam, as chuvas cessam, a primavera volta. Voltou?

Vicente — O que se passou entre os dois ignoro-o.

Comigo passou-se isto: Ele agradeceu-me num alvoroçado telegrama os meus serviços de bom amigo, e depois de seguir-se um largo periodo de silencio, um d'esses silencias de pócos onde parece ter caído a morte. Volveram mezes. Um dia escreveu-me, a pedir qualquer coisa simples e facil, não sei o quê: um livro, um mapa, qualquer insignificancia. Respondi e nessa carta, perguntei-lhe pela sua Paixão incomportavel. D'aí a uns vinte dias recebi um postal com a concisão das noticias do *front*. Dizia-me que madame Z era uma pessoa de tanto juiso que lhe dera a ele um bocado e não se emprobreceira. E comentava:

Procurar a felicidade sem esperança e com medo de a não encontrar é o verdadeiro goso espiritual uma «reprise» d'amor, é reter um livro ou assistir pela segunda vez a uma peça de romantismo.

Americo — Que desfecho!...

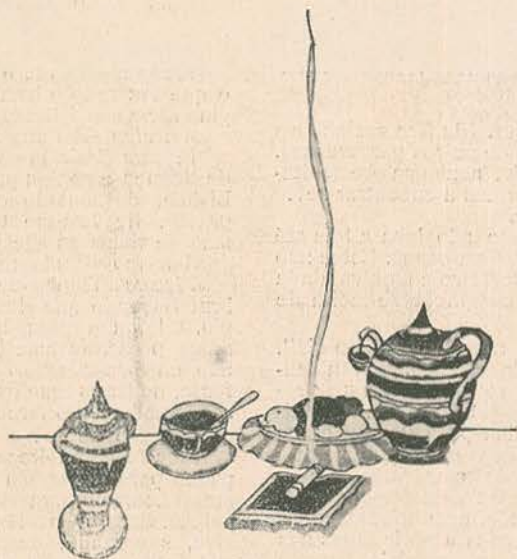
Vicente — Que querias tu? Rapto, tiros, duelos, gente esganada ou loucos delirantes, um homem enforcado, um divorcio seguido d'um registo civil e d'aí a anos uma mulher com as formas amadurecidas a este belo sol tornadas em peles e o galã com uma cinta de lona a comprimir a obesidade, bocejando e esperando a morte, figurada numa febre infecciosa ou numa diabetes?...

Americo — Eu não queria nada d'isso. Eu queria logica!

Vicente — Ingénuo amigo! A logica em amor é o absurdo. Precisamente por isso te contei este caso, para que te não apoquentes com a exaltação do Pedro. O que receias? Que elê se suicide? Por não ter dinheiro? Aconselho-te que o vigies. Não o largues. Mas não é falta de dinheiro, apenas a falta de uma mulher? Está descansado, Escusas de ir á *morgue* que o não encontras. Vae á sala de jantar d'um *club* que deve lá estar.

JOAQUIM LEITÃO

Da Academia das Sciencias de Lisboa



O COMICIO INTELECTUAL NO "CHIADO TERRASSE"



O sr. Antonio Ferro pronunciando o seu discurso



Um aspecto da assistencia durante o discurso de Raul Leal

PAUL POIRET



Paul Poiret

O FEITICEIRO DE PARIS

PAUL POIRET — o grande costureiro da nossa Época — consegue, todos os dias, o maior triunfo: espantar Paris... Ora é a criação duma «toilette» arrojadíssima, ora o teatro do «Oasis», ora uma revista suntuosa, como essa «Vogue» que está actualmente em scena no teatro «Michel». Paul Poiret é aquele que nunca se repete. Os vestidos de Poiret aparecem nos «Boulevards», nas corridas de cavalos,



Um modelo de Poiret—(Desenho de Martin)

nos teatros, como os «Vient-de-paraitre» nas montras dos livrinhos. Paul de Poiret é afinal um dos maiores pintores da nossa época. Ele pinta com sedas, com «crêpes» com «organdis». Os corpos das mulheres são as suas telas. Paris, o autentico Paris, veste de Poiret. Poiret é o feiticeiro de Paris, o «magicien» dos Boulevards. No dia em Poire morresse que Paris vestiria de negro... O arco-iris das «Toilettes» é monopólio de Poiret.



Penso. Verbo, sou uma voz sonora...
Abalo os mundos, pelo céu alastro...
Aza e fogo. Crepito e subo, astro
A arder, errante, pela noite fóra...

Transcendo ao infinito, Zoroastro,
Jesus ou Budha, a procurar a aurora
Dum dia eterno enquanto a dôr clamora:
—“Deus passou por aqui: segue-lhe o rastro...”

O soluço imortal!... O grito amargo,
Vare embora os abismos, não me assombra,
E arremesso-me além! mais alto! e ao largo!

E Deus? Como atingi-lo? Dilacero
A sombra onde se oculta, e — ó desespero,
O’ vôo inútil! — não se acaba a sombra...



O SILVO DA PEQUENA FLAUTA

NOITE cálida do Oriente: oriental de lascívia; sobrecarregada de aromas.

Nem uma aragem. Luar, Estrelas, como beijos do azul. Pavões frondosos.

Boda de sátrapa, espalhafatosa. Uma senilidade concupiscente duma nova mocidade em flor. Mais uma! Como que um incesto repulsivo.

Calor. Rubis e esmeraldas. Scintilações. Véns, caçoulas, plumachos. Magnificência.

E mudo para ela irremediavelmente lamentava-se — o silvo da pequena flauta!

O monarca avistara-a do palanquim, sonolento, ao recolher duma peregrinação. Da entrada do seu jardim, seguia, no monte, os últimos passos de alguém, com um sorriso fosforescente.

A cubição da luminosidade desse sorriso levou-o a ordenar, imediatamente, que lhe fôsse trazido: iguaria picante para o seu esgotado paladar.

Aconteceu não ser ela nenhuma misera escrava. Filha dum vassallo poderoso, houve que prometer ao pai o casamento. Só assim, relutante, a deixou levar, bela e linda, numa manhã em que as aves e as rosas manifestavam menos vontade de desabrochar em cântico e em perfume.

Enlutados os lábios, e orfãos de sorriso o rosto e o olhar, denunciava a tristeza dos que velam uma defunta esperança.

Nessa hora amarga de violencia, ia para a côrte mais acabrunhada do que se fôsse para a morte. Chovava.

Aquele roubo, que lhe faziam, de si própria, era, de facto, a agonia da sua graciosa liberdade, e, mal maior, era o seu amor-para sempre malogrado. Soluçava.

Porque, no seu coração alvorecente, o amor surgira: luz formosa a iluminá-la toda, como o sol da alvorada à montanha que lh'o deparara.

Amor fundo, inicial, cheio de paradisiaca candura. Amor ainda com seu quê de infantil na sofreguidão; pueril, inocente.

Tôdo o contrário do sórdido pseudo-amor do velho déspota luxurioso, inspirado no desejo mau de babujar essa centésima frescura virginal.

Lanças Soldados. Clangores de metal e rufos de tambores, quando a recém-vinda transpôs, mais triste do que antes, o limiar da morada sumptuosa do viçioso.

Alcatifas, coxins, tecidos gloriosos, oferecendo repouso, aconselhando indolencia. Resinas caras volatilizando perturbações. Espirais afrodisíacas de fumo, movendo-se no ar como loucas carícias intermináveis.

Numa jaula de ouro, uma gazela sagrada e mansíssima: vivo símbolo da graça prisioneira.

Fontes constantes enchendo piscinas de mármore sonoro, à beira das quais, como sombras nuas, escravas solícitas apresentando adornos e bálsamos.

Fausto, riqueza, esplendor.

Mas nem a tépida água abrandadora, nem a música dolente de invisíveis cordas, nem a novidade do ambiente, nem as surpresas do recinto, nem os consólos das aias e a doçura das essências lhe estancaram, nos olhos de topasio ou na empalidecida bôca de rosa esquecida da sua côr, as lágrimas e as queixas da pena de deixar de o ver, quando, ao sumir-se o dia, ele vinha, alegre e mômico, fazê-la duvidar de que a noite se aproximava.

De que lhe serviam as unturas preciosas, para que prestavam manilhas e colares, o ouro e as pérolas, se o amor não tornaria a ungi-la castamente, e, joia da sua vida, o ia perder — cuidava — o tinha perdido já?

Se nunca mais — ai dela! — a tardinha lhe traria, abençoado, desejado, o leve chamado do silvo da pequena flauta, que o anunciava, que o precedia, que a tornava feliz!

Transformado, para a ver, em humilde encantador de serpentes, nenhum dos réptis do seu venenoso sacco obedecia às notas misteriosas da flautilha com mais pressa e garbo do que ela, ao ouvi-las, tremente, com o seu corpo sussultante e a sua alma fascinada.

Promessas, ameaças, conselhos, presentes, nada valeu para a alegrar. Triste chegara, triste estivera, e mais triste ainda assistira, pálida, ao banquete nupcial.

Um minuto só a sua dor se suspendera, iludida, julgando ter ouvido no parque, onde alvos elefantes passeavam e boiavam cisnes negros, o saudoso silvo da pequena flauta. Mas não; não era a dele.

Celebrado o desposório entre magníficas pompas astidiosas, avisinhou-se, terrível, odienta, a hora do noivado.

Quando as damas a deixaram sósinha e fragrante na recâmara aparatosa, ia desfalecendo. Cobrou, porém, ânimo para lutar com o ridículo esposo, a quem os vapores do hidromel haviam roubado os restos do seu simulado aprumo.

O que ela viu entrar no aposento, e em breve rolar desamparado sobre os fôfos almofadões, foi uma trouxa constelada de pedrarias e distintivos.

Isso a serenou no propósito decidido, que formou, de resistir, de não ser dele; de se defender até morrer ou até matar.

Vendo o tirano adormecido, anulado, respirou melhor.

Fôra, a noite era um idílio de astros e perfumes. Abriu a janela, saiu à varanda, olhou, pôs-se a sonhar.

Rãs tagarelas importunavam o silencio. Uma que outra ave carpia ou cantava escondida, de quando em quando. O ar era volúpia.

Mais calma com a ausencia temporaria do perigo, de repente estremeceu, vacilou, passou a ser um ouvido apurado e uns olhos que farejam.

Parecera-lhe escutar, como ao longe, o silvo da pequena flauta e ver, fendendo o bosque, uma forma a avançar.

Enfurmou-se, atentou, duvidou.

Novamente, confirmadamente, a pequena flauta deixou soar, de manso, o silvo inconfundível, promettedor.

Teve então, divinamente, a certeza de que ele se aproximava, de que a procurava. Com a lâmpada que ardia mais perto, denunciou-lhe a sua presença. Agradecendo-lho, o silvo da pequena flauta foi um cântico.

Logo, como nos passados dias de ventura, ele estava à sua beira, namorado. O beijo que se deram, extasiados, foi o primeiro.

Agora, que era noiva contra a sua vontade, ela queria ser mulher. Na varanda engrinaldada, perto da embriaguez do vil esposo oficial, noivaram desvairadamente, à claridade longinqua das estrelas.

Uniu-os, soldou-os um ao outro, o amor vitorioso tão fortemente, que, vencidos de prazer, esquecida a situação, a manhã os surpreendeu dormindo a par.

Viram as guardas o intruso junto da nova favorita, e hesitaram em proceder.

Um houve que deu o alarme. Despertando, a furia do ébrio não conheceu limites. Foi um vulcão de pragas.

Encarcerados os culpados, logo se convocou um conselho, não para os julgar, que não era preciso; para assentar no género de morte correspondente à audácia inconcebível do delito.

Foram vários os alvitreis crueis. Para lisongear o senhor, cada valido se improvisava em carrasco.

Prevaleceu o malvado plano dum eunuco impie-

doso e hipocrita, que a todos pareceu igualar em tortura a enormidade do crime.

Não tardou em publicar-se a sentença.

Mandava que, despojados do vestuário e postos de costas um para o outro, fossem apertadamente ligados e, depois de besuntados de mel, submetidos à gula dos moscardos, das vésperas e dos abelhões.

Assim, surpreendidos como haviam sido de lábios nos lábios, não poderiam mais beijar-se. Acabariam por morrer, pouco a pouco, sentindo-se juntos, sem se poderem tornar sequer a ver, e mandando cada um os seus gemidos a um ponto diverso do horizonte.

Cumpriu-se à risca o determinado. A expiação começou.

Atados brutalmente um contra o outro, as fortes espáduas dele calcando os ombros dela, delicados, levaram-nos para um descampado onde os insectos enxameavam.

Era horrível o suplicio. Nem a voz, partindo em direcções opostas, lograva confirmar-lhes, animadamente, a aproximação das almas, irmanadas no castigo aviltante, como nas horas apaixonadas.

Ávidos do dulcume, que aos dois queimava a pele, os ferrões punham-nos às centenas. Já o sangue lhes escorria das inumeras picadas quando a noite, suavizante, foi tombando.

Para que ela repousasse vagamente, atirou-se ele ao chão, de bruços, aguentando o peso ligeiro daquela corpo querido. Protestou, quiz ser ela a sofrer mais, tentou voltar-se.

As cordas, retesadas, não lhes permitiam qualquer movimento. Cada vez mais ardente, o amor ameaçava prolongar sobrenaturalmente o bárbaro tormento.

Na noite escura, misteriosamente, o silvo da pequena flauta ecoou. Talvez algum vigia, entretendo-se a experimentar aquela lembrança do condenado!

O som emocionante perturbou-os, espicacou-os. Movidos por força soberana, os lábios apeteçeram-se mais, quizeram colar-se, findar beijando-se.

Cumplicemente, sugerindo um ao outro o heroismo doloroso de cada esforço tendente a realizar-lhes o desejo, desprezando as angustias da carne avergoada, foram aproximando as faces, voltando as cabeças, torcendo os corpos.

Num esforço supremo, as duas bocas conseguiram unir-se, tocar-se, confundir-se. Triunfante como o primeiro, vibrou nelas o ultimo beijo.

A desesperada manobra apressara-lhes o fim.

Solidas, as fortes amarras haviam-lhes mordido os membros como gumes, escachando-lhes os arcabouços e pondo-lhes a descoberto os corações.

Coração com coração, boca com boca, num beijo inseparável, os dois amantes mostraram ao sol do outro dia terem, na morte como na vida, cumprido exemplarmente o mandado amoroso do silvo da pequena flauta.

MANOEL DE SOUSA PINTO

DESENHOS DE ALBERT JOURDAIN





Luiza Baccara por Adolfo Carolis

A D A G I O

A LUIZA BACCARA

FLORENÇA—a moldura de Dante, um Dante em tamanho sobrenatural, a cidade que está no interior de Itália, como um *sachet*, a conservar-lhe o perfume da Renascença, vive também nos meus olhos líquidos, nos meus olhos—miniaturas de Florença—com os cílios a rodeá-los, arvoredo das colinas, com um Arno tranqüilo na água quieta que me cerca as pupilas...

Sinto reviver em mim a hora em que cheguei à cidade, essa hora eleita que a sombra de Donatello esculpiu na minha saudade. Chego a Florença Julgo-me a única verdade numa terra que me parece mentira. As velhas casas, de telhados abastidos, como *casquettes*, passam por mim, a olharme, a resmungarem nos gonços dos portões—as desdentadas bocas dos palácios do *quattrocento*... A catedral enguaritada de santos, sai-me ao caminho, obriga-me a olhar o céu, no grande dedo erguido do campanário de Giotto... Em frente, no Baptisterio, as portas de Ghiberti, acotoveladas de santos, murmuram, rezam, de sol a sol, nos corpos bíblicos, bronzeados, expressivos como palavras...

Sinto agora bater o coração de Florença. Estou na Piazza della Signoria, a praça evocadora, vibrante como um órgão... O Palazzo Vecchio, em brulhado na capa remendada da sua pedra mulata, encapuçado na velha tórre mediéva, é a sombra de Dante sobre a cidade, a sombra desse Dante cujo perfil parece um punhal—um punhal de Cellini... À direita, a Loggia dei Lanzi—o pátio de Florença—cobre com piedade e ternura, as estatuas de Benvenuto, de Jean de Boulogne, de Donatello—corpos que o sol abraça, que a chuva molha de beijos... Na fonte Ammanati os Tritões endiabrados, as nereidas desejosas, dançam em volta de Neptuno—um corpo de Deus com olhos de leão manso... À entrada do «Palazzo Vecchio», uma copia perfeita do David de Miguel Angelo parece erguer a praça, parece sustenta-la nos seus olhos recém-nascidos, nos seus olhos atléticos de pureza...

Pela praça, habitualmente quiéta, sonolenta, a repousar ainda das lutas dos Buondelmonti e dos Uberti, vai um clamor de pregões, uma balbúrdia de vozes, uma maré cheia de emoção...

—«Il Nuovo della Sera»... «La Tribuna»... «Giornale de Itália»...

São sete horas da tarde, a hora em que Florença começa a agitar-se na sua antiga capa, em que Machiavel ressuscita no crepusculo dos bécos tortuosos...

Dia de Natal, um natal falhado, um natal sem perdão, um natal sem Jesus, um natal com d'Annunzio... Luta-se em Fiume. O poeta—*en-tête*

da Italia—é a *en-tête* de todos os jornais... Corre um boato sinistro, um boato que põe luto na Hora... D'Annunzio está ferido na cabeça, ferido na sua Ideia!... Nos angulos da Praça formam-se grupos, comentam-se os jornais, chora-se d'Annunzio chora-se aquêle que jamais chorou, chora-se o Ideal morto do Maior Poeta, da maior força viva deste século... Vou de grupo em grupo, ávido de notícias, com o coração em estilhas—altar dum santo derrubado... O «Palazzo Vecchio» curva-se também para ouvir, para saber que mal fizeram ao seu herdeiro, ao herdeiro da Renascença...

Desorientado, com as mãos a sangrarem dos jornais ainda frescos, perco-me pelas vielas—versos livres de Florença... Sem saber como, encontro-me sobre a ponte velha, a ponte dos ourives, essa mendiga de chale retalhado, de ossos á superfície, de dentes cariados, mas ainda com as falanges cintadas de anéis, mas com versos de Dante ainda na memoria...

Atravesso a ponte, labirintiso-me pelas vielas e bécos, tomo, sem querer, o caminho das colinas, longe de mim, acordado apenas, de quando em quando, pelo riso claro dos *cottages*, das vilas, destas vilas florentinas que riem, que riem muito, de dia, de tarde, de noite, que a tréva não consegue apagar, não consegue vencer...

Estou na praça Miguel Angelo. Debruço-me do balcão que rodeia a praça, ponho-me a assistir á morte de Florença, ao seu despedalar... É a hora do Poente, a hora maquiavélica, a hora em que a cidade começa a aferrolhar-se... Os dômicos, os palácios, as tórres, quebram o seu aprumo, espectralizam-se, põem-se a rezar, perdem a rigidez que o sol lhes dá, soluçam em penumbra... Santa Maria Novella, Santa Croce, a Catedral, soltam os últimos suspiros, os suspiros agudos dos campanários... Sobre o Arno já não ha pontes... Foi o sol, no poente, quem as destruiu... O próprio Arno vai deixar de existir... O Arno da Florença noturna—é o luar que a banha...

Olho em volta de mim. Os pinheiros, os eucaliptos, os ciprestes, agonizam na sombra... E eu sinto nas minhas mãos trêmulas, doentes, caídas ao longo do meu corpo, o ritmo das folhas mortas pela estação morta...

Florença chora, Florença sofre, Florença apressou a noite para esconder a sua dor... D'Annunzio foi vencido... Morreu a ultima esperança de Florença, morreu a ultima esperança da Itália renascer outra vez... Chegaram a rir d'ele, chegaram a rir daquêle que desejou ter a bola do mundo, nas suas mãos femininas, para a devolver a Deus, para a arremessar ao céu... Não o compreenderam, não souberam o que ele queria... Não o deixaram



Fotografia oferecida por Gabriel d'Annunzio a Antonio Ferro, quando da sua estada em Fiume

esbanjar até ao fim a herança de Beleza que a Renascença lhe legou...

Noite de natal... Noite em que Jesus nasceu, noite em que Florência é o sarcófago do Sonho do Maior Poeta...

Que importa, afinal, a incompreensão dos outros, de todos aqueles que têm algibeiras por todo o corpo, que têm a alma fechada, como uma casa onde ha fantasmas?

Deus está com D'Annunzio, Deus soluça... Noi-

te de Natal... O menino Jesus acorda e chora... O menino Jesus tem pena de ter nascido...

Florência cobre-se de crepes... Florência veste-se de luto, veste-se de noite... E' de rezear que o sol não volte mais... E eu próprio, sozinho, na Praça Miguel Angelo, exilado na tréva, levando as mãos aflitas á minha cabeça dolorida, sinto crepes nos meus cabelos—nos meus cabelos negros...

ANTONIO FERRO

Ultimo capitulo do livro «Gabriel D'Annunzio» a aparecer em Janeiro

MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO VII O IDILIO DE UM PRINCIPE

A última hora, quando os creados de D. Afonso já estavam na estação com a bagagem, o rei mandou-lhe dizer que não seguia viagem; foi um grande desapontamento para o Principe e produziu um pessimo efeito no Porto. Todos sabiam o motivo da ausencia do Principe herdeiro: mal conheciam D. Manuel, enquanto que, ainda rapazinho, D. Afonso já tinha ali uma rua com o seu nome.

Sete anos mais tarde, quando Sua Alteza Real estava em Espanha, já casado com a unica mulher

que amou, era visitado diariamente por dezenas de portuguezes dos mais inteligentes de todos os partidos. As conversas recaiam muitas vezes sobre o Porto e a adoração da sua gente por D. Afonso. Os visitantes então perguntavam invariavelmente ao Principe se tinha esperanças de voltar a Portugal; sorria e não respondia. Dirigiam-se em seguida á Princesa, fazendo-lhe a mesma pergunta; ela, sorria igualmente, olhava para o marido e tambem não dava outra resposta.

Prolongava-se o silencio, prenhe de recordações, e quando esses leaes patriotas se separavam do seu Principe, os laços entre eles apertavam-se cada vez mais. A despedida, o Principe agradecia-lhes a sua visita, com um forte aperto de mão e o seu tão doce sorriso, dizendo-lhes: «Agradeço-vos a lealdade que sempre me mostraste e a meu irmão.»

Quando os monarchicos o encontravam, no seu exilio, dirigiam-lhe habitualmente em guisa de saudação as seguintes palavras: «Meu senhor, em breve a Familia Real estará de regresso em Portugal.»

E todas as vezes recebiam a mesma resposta sincera e sem rodeios: «Não me parece.»

QUANDO D. Afonso tinha 38 anos encontrou em Napoles, e mais tarde em Roma, uma rapariga de 18 anos, que viajava com a familia; conviveram apenas uns meses, depois ella voltou para a sua casa na America com seus pais, e elle partiu para Lisboa. Como quasi todas as pes-

soas que estão apaixonadas, fallaram de casamento, mas concordaram que era impossivel realisa-lo naquelle occasião e com esse senso pratico moderno de que eram ambos dotados, decidiram esperar, conservando-se fieis um ao outro. (!)

Logo depois da chegada de D. Afonso a Lisboa, e depois do regresso da rapariga a New-York, tiveram ambos, por uma coincidência curiosa, um ataque de febre tifoide que lhes foi quasi fatal e os deixou mais profundamente apaixonados do que nunca.

Havia varios obstaculos ao casamento: ambos eram pobres; só mais tarde é que a rapariga herdou uma fortuna e a familia dela tão ardentemente protestante, como a dele era fervorosamente catolica,

opunha-se, portanto; submeteram-se ao Destino, separando-se na apparencia mas não de coração.

Trocavam telegramas e escreviam-se muitas cartas, mas não se tornaram ver durante anos. No decorrer desse tempo, muitos acontecimentos kaleidoscopicos e rapidos se succederam na vida da rapariga,

(!) A senhora de quem se trata é Miss Nevada que, depois deste exilio, casou duas ou tres vezes.—N. T.



D. Afonso no ultimo carro em que andou antes do assassinato do rei D. Carlos

até que por fim encontrou-se na situação de poder casar com o homem que amava.

Facto estranho: no mesmo ano em que foi possível á rapariga ir ter com ele, tinha D. Afonso atravessado uma crise tragica. A sombra da morte e da ruína estendera-se sobre a sua vida; parecia que a Providencia os tinha aproximado pelo caminho do sofrimento e da tragedia.

Desde então, raras vezes se separaram, acabaram por casar e foram supremamente felizes, apesar de condenados a nunca verem juntos esse Portugal, que o Principe tanto amava.

Agora algumas palavras sobre a rapariga, hoje mulher, que tinha moldado a sua vida na mira de vir a ser a esposa do unico homem por quem sentiu amor, pois em toda a sua vida nunca nenhum outro conseguira despertar nela a mais leve sombra de simpatia. (?)

Nascida na mesma cidade que seu pai, nas margens dum lindo rio de Inglaterra, educada com a severidade propria das familias rigorosamente protestantes. A sua educação foi toda feita em casa. Dos seis aos dezesesseis anos dedicou-se exclusivamente ao estudo; era um prazer ver a alegria que sentia ao aprender qualquer coisa.

Aos 18 anos fez com seus pais a primeira viagem á Italia; até então, nunca tinha ido a divertimento algum. Os concertos e teatros eram-lhe completamente desconhecidos; frequentava a igreja e ia ali nas mesmas disposições em que as outras raparigas vão aos espectáculos.

Na realidade havia um certo extase nas suas devoções; filha de pais muito religiosos, a adoração do Divino Desconhecido era a sua razão de ser; foi isto que a salvou no unico desgosto grande da sua vida: a perda de D. Afonso.

O Principe foi o primeiro homem que lhe prendeu a atenção, pode considerar-se um caso de amor á primeira vista, e desde então nenhum deles se desviou da linha directa do seu mutuo amor, na longa estrada que os conduziu ao altar.

Ele amava-a apaixonadamente; nas cartas que lhe escrevia em 1913, mandava-lhe dizer no seu inglês pitoresco: «Estou arranjando tudo para que possamos casar para sempre.»

Todas suas cartas, acabavam invariavelmente: «Cada dia que passo sem ti, parece-me um século.»

O amor da princesa era tambem profundo e constante, o facto de saber que ele existia bastava para lhe tornar a vida luminosa. Um a um, os obstaculos

foram removidos e o telegrama portanto sempre esperado chegou enfim á America:

«Vem para junto de mim, para sempre

Afonso».

Antes de casarem, a princesa teve de voltar New-York a arranjar os seus papeis para se poder realisar a cerimonia. O vapor em que embarcou era o «Patria»; foi atacado por um submarino e só por milagre escapou. No primeiro porto em que tocou, Lisboa, a futura princesa recebeu um telegrama de Sua Alteza ordenando-lhe voltasse por terra para Roma, pois assustara-se com o perigo em que ela estivera; a princesa, como sempre, obedeceu ao desejo de seu

noivo e só mais tarde é que partiu num vapor americano chegando salvo ao seu destino visto os Estados Unidos não terem ainda entrado na guerra.

O amor de D. Afonso era dos que não conhecem hesitações ou obstaculos; nesse assunto como em todos os outros da sua vida, foi franco e leal. Todos sabiam dessa afeição, D. Afonso não a escondia e dava sempre provas dela, estivesse quem estivesse.

Duma ocasião, estando retido em casa, recebeu a visita da duquesa da Aosta, irmã da Rainha Amelia, que o conhecera havia muitos anos em Lisboa e que tinha uma grande simpatia por ele. Encontrou-os sentados, defronte dum grande retrato da princesa, magnificamente emoldurado e cercado de flores.

Descobriu o segredo!

— Afonso, disse, apontando para o retrato, vais casar?

— Vou.

Um dia, D. Afonso trouxe da casa de campo do Rei de Italia um ramo de alecrim. Deu-o á princesa, explicando-lhe: — Nós, os portugueses, dizemos: «Quem pelo alecrim passou e um ramo não apanhou, o seu amor não lembrou.»

O Rei viu-me apanha-lo e — acrescentou sorrindo — sabia para quem era.

Logo depois da morte de sua mãe, a Rainha Maria Pia, o Infante principiou a fazer preparativos para o seu casamento, que se realiso em Roma, no mês de setembro de 1917. A princesa tornou-se catolica, tomando no baptismo o nome de Maria Pia. Depois de ter comungado, recebeu a benção nupcial.

Nenhum daqueles que assistiram á cerimonia se esquecerão jámais do tom de absoluta felicidade com que o Principe disse, tomando as mãos de sua mulher: «Sou teu marido».

As separações e tristezas haviam acabado; daí por diante estiveram sempre juntos e ele interessava-se



D. Afonso, as princessas Mafalda e Jolanda e o principe Humberto de Saboia. Fotografia tirada pela rainha Helena de Italia

(1) Os outros maridos que lho agradeçam.

pelos menores detalhes da vida da sua princesa, chegando mesmo a estar presente, quando vinham modistas tratar de *toilettes* e de outros assuntos semelhantes.

Muitas vezes aconteceu virem as mesmas costureiras que tinham provado vestidos à Rainha Maria Pia, o que sempre dava prazer a D. Afonso, porque gostava que sua mulher tivesse os vestidos feitos nas mesmas casas que sua mãe.

Nessa ocasião contavam-se muitas histórias dos tempos passados e D. Afonso, com a sua prodigiosa memória, lembrava-se dos mais pequenos incidentes, contando-nos, um dia, que uma das aias da Rainha Maria Pia, fôra contramestra de Worth.

A memória de D. Afonso causava admiração a todos. Quando encontrava pessoas que havia muito tempo não tinha visto, ficavam admiradas das minúcias de que ele se recordava. (!)

O grande desgosto de D. Afonso era não poder voltar a Portugal.

Duma vez encontrou um homem que, chorando copiosas lágrimas, disse ser português e desejar intensamente voltar a Lisboa, donde saíra, havia vinte anos, não tendo, porém, dinheiro para o fazer. Imediatamente, D. Afonso abriu a bolsa e deu-lhe a soma necessária. *Sabia bem o que era ter saudades de Lisboa!*

A princesa tentou, por todos os meios, obter, através os governos inglês e americano, que se abrisse uma excepção a favor de D. Afonso, rescindindo a lei do exílio. Não o conseguiu. O Infante, para se consolar, apertava o seu tesouro contra o peito e dizia: «E' melhor assim; quem sabe se não te aconteceria a mesma coisa que a meu irmão.»

Quando tratava do seu exílio nunca falava como se o povo fosse o culpado, bem sabia que não era por vontade dele que estava fóra de Portugal, mas sim pela dos políticos que haviam querido entre si os proveitos da governação e do tesouro publico em lugar de gastar parte deles com a lista civil duma fa-

mília real. Não foi a grande e generosa massa do povo que planeou os factos que se deram, precedidos pela atroz tragedia dos assassinatos. De todos os membros da família dos Braganças, era D. Afonso o mais adorado; ainda hoje, depois de 10 anos de Republica, encontram-se bilhetes postais com o retrato do Duque do Porto, embora não existam os de nenhum outro membro da família. Esse amor era bem merecido, pois D. Afonso, mesmo no exílio, não se esquecia deles. Durante os terríveis anos de 1916 e 1918, em que os portugueses estiveram nas trincheiras, D. Afonso interessou-se sempre pelos prisioneiros de guerra, e a Duquesa do Porto recebia tantas centenas de cartas que em Madrid puzeram ás suas ordens uma pessoa cujo unico serviço era entregar ao regio par a sua correspondencia.

Todas essas cartas suplicavam á Duquesa que tomasse parte activa nos serviços da Cruz Vermelha portuguesa, visto suporem-na mais moderna nas suas ideias por pertencer a um país mais avançado.

Respondou a estes pedidos, mandando dinheiro, por Afonso não querer ouvir falar em ela ir ás trincheiras.

A vida corria-lhes idealmente feliz, sem desgostos nem cuidados, era uma historia de fadas realisada. Aos olhos do Principe, só ela tinha razão, quando alguém não concordava com a opinião de sua mulher ele, sem mesmo saber do que se tratava, aproximava-se e dizia com olhar severo e voz trovejante: «Sua Alteza tem razão, deixe-nos».

Pouco tempo depois do casamento um creado do hotel, em Madrid, foi despedido por ordem de D. Afonso, por ter usado a palavra «Ustd» em vez de «Vossa Alteza» dirigindo-se a Princesa.

Os principes portugueses foram sempre bons maridos; consideravam o casamento como um acto serio e a mulher era sempre querida e respeitada.

(Continúa)



D. Afonso saíndo da egreja da Sé, fardado de general do exercito português



Em Licoli, Italia, em 1915. D. Afonso e a Condessa de Pontalto

NOS DOMINIOS DA LOUCURA

A OBRA DUM FILANTROPO

OUVIRA, por vezes falar da Casa de Saúde da Idanha, como uma instituição modelar no genero, — o que me levou a incluí-la na serie de artigos sobre casas de caridade, que venho arquivando na *Ilustração Portuguesa*.

O illustre chefe do distrito, o Sr. Dr. Falcão Ribeiro, manifestara-me desejos de acompanhar-me na excursão, pondo gentilmente o seu automovel ao meu dispor e ao do enviado grafico do conceituado semanario.

S.^a Ex.^a, porem, teve que desistir da sua intenção, á ultima hora, por ter de receber a visita do Sr. Presidente do Ministerio, no Governo, Civil, que se realisava, justamente, no dia escolhido para a minha ida ao interessante estabelecimento.

Fez-se, portanto, representar pelos seus secretarios, Armando Rodrigues Mingachos e Domingos Monteiro, pedindo ao medico assistente, dr. Silva Teles, para acompanhar-me na visita e prestar-me todos os esclarecimentos.

Ainda no automovel, para não perder tempo, puz-me a entrevistar o distincto clinico, sobre as origens da Casa de Saúde e mais coisas curiosas, que adeante se relatam.

O fundador foi um italiano, Angelo Meri, homem instruíssimo, que se dedicou á cura dos alienados, abrindo casas em varios pontos da Europa, como em Espanha, (a séde,) França, Italia, Inglaterra, etc. Esta, de Portugal, começou por uma simples casinha, com seis quartos, apenas. A articulista pôde fantasiar penas de amor, de um amor louco, que o levou á compaixão pela loucura dos outros.

— Dr., inquirimos nós, quaes são as causas da loucura?

— O alcoolismo, a sífilis e doenças intestinaes. Isto, sob o ponto de vista fisiologico. Agora, razões subjectivas, temos os amores contrariados, as dificuldades de vida, as revoluções...

— As revoluções tambem teem desarranjado cérebros?

— Olhe, a implantação da Republica deu alguns doidos. Os cataclismos cosmicos fornecem tambem os manicomios, como, por exemplo, o terramoto de Benavente:

— Dr., e quaes são as loucuras mais facilmente curaveis?

— As furiosas, as grandes agitações, desde que não haja sífilis ou taras hereditarias. As loucuras mansas, as manias, resistem muito ao tratamento, podem tomar um caracter chronico, ou apresentar manifestações periodicas. Tenho doentes que fazem uma cura todos os anos.

— Ouvi dizer que lá fóra não consentem um medico, numa casa de doidos, senão durante sete anos, que maior permanencia seria perigosa para a integridade do seu juizo. Não é desta opinião, Dr.?

— Já lá estou ha dezenove anos e ainda não me sinto maluco... pelo menos, não tenho dado por isso. Se bem que, no dizer de uma das minhas doentes, o quartel general seja na Idanha e o regimento dos doidos ande cá fóra a solta. Uma outra tambem, numa ocasião, em que eu estava muito atento nas minhas observações, me disse do lado: — «Assim é que eu comecei e vim cá parar.»

— Mas ha coerencia na loucura, dizem coisas acertadissimas. Estou convencida que apertamos por ahí a mão a muito doido.

— E' provavel. E' quasi certo. Mas, como não manifestam furia, nem manias pronunciadas...

— A familia que os afigure e os estranhos um pouco tambem, mão é isso?

— Chegámos, diz-mos o nosso paciente informador.

Logo na cerca, pareceu-nos entrar num paiz fantastico, onde cada qual desse lar-

gas á sua imaginação em delirio. Algumas mulheres cantavam, muitas dançavam, enquanto que outras soluçavam angustiadamente.

Lá em cima nas salas, uma pobre creatura, com uma boneca de trapos ao colo, adormecia um filho imaginario, talvez aquele que a morte lhe arrancára dos braços.

Uma outra agarra-se ao photographo Salgado e diz-lhe que está ali sequestrada, que é uma boa republicana... Uma velhinha corre atraz do medico, chamando-lhe seu marido e julgando seus filhos os secretarios do Governador Civil.

De repente, gritos estridulos gelam-nos o sangue nas veias, e uma doida furiosa sae da casa de banho, dando-nos uma fugidia impressão da Eva no Paraizo.

Numa galeria, deparamos com a Generala, uma



Mercedes Blasco conversando com a baronesa de Stempel

desgraçada que tem a mania de governar todos os exercitos de terra e mar.

E logo vem ter connosco a *Rainha*, uma morena de olhos risonhos, que se imagina casada com D. Car-

Nos quartos encontramos uma senhora muito instruida e espirituosa, que se lembra de toda a gente, e que, ao falar-nos de Antonio José de Almeida, teve esta frase:—«Muito bom sujeito que pena ter-se me-



A baronesa de «Stempel» com a «Rainha» á sua esquerda

los, em cuja morte não acredita. Pede-nos para seguir para Portugal, onde tem palacios sumptuosos,

tido na politica!» E nós pensámos ser muito difficil saber onde o juizo acaba e a loucura começa...



Duas curiosas expressões de loucura

diz, e oferece-nos cheques feitos por ela, para lhe comprarmos preciosidades. Prestou-se a vestir uma disparatada toilette, confeccionada por suas mãos, para se deixar fotografar.

A doente mais curiosa do estabelecimento é a baroneza de Stempel, muito conhecida em Lisboa pelas suas excentricidades. Vivía para os lados da Ajuda, num rez-do-chão, e ali albergava toda a casta de ani-

maes. O Dr. Silva Teles, ao tempo delegado desaude, foi levado a passar-lhe revista á casa, por queixas da vizinhança. A baroneza recebeu-o de espada em punho e gritou-lhe:

— Que quer o Sr. daqui? Olhe que eu jogo a espada!

O Dr. lá a calhou como poudo e conseguiu ver a casa.

No quarto, tinha um carneiro amarrado aos pés da cama, e por toda a parte, circulavam galinhas, patos, pombos, cães, gatos, e numa das dependencias abrigava-se um cavallo.

Os empenhos foram tantos, que a excentrica continuou vivendo com a sua estranha familia, até que foi parar á mansão das loucas.

Conversei com ella, em varios idiomas e em todos me respondia. Passa o tempo pintando, com tintas que ella mesma prepara com o suco de flores e plantas e imagina-se redactora de um periodico, *Terra, Mar, e Ceu*.

Sempre é certo que o talento anda visinho da loucura.

O Rostand, depois de pôr a falar os animaes do seu *Chantecler*, tambem teve uns tempos de manicómio. E' bom não esticar as cordas demasiado...

Falemos um pouco do estabelecimento propriamente dito. Compõe-se de tres pavilhões, elegantemente traçados, e com todos os confortos modernos. Os aposentos das pensionistas de 1.^a classe dão-nos a impressão de estarmos visitando um grande hotel.

E, por toda a casa, observa-se uma meticulosidade de de limpeza, que nos espanta, sobre tudo, sabendo que esse serviço, assim como a enfermagem, é feito por mulheres, antigas religiosas, secularisadas.

Preside a todos os cuidados a directora, Maria Clotilde, de uma bondade inextinguivel, aliada á mais fina educação. Diz-nos ella que isto só se pôde fazer pelo amor de Deus, porque não havia dinheiro que pagasse a abnegação que é precisa para se tratar de doídos.

Ella comanda 60 empregadas e ninguem ali é pago. Quem seria capaz de tal sacrificio, senão estas santas mulheres que só em Deus esperam?

Dá-se ali guarida a 95 doentes pobres, o que representa, pelo menos, 30 contos por anno de economia para o estado.

A' volta, eu tinha ainda na retina todas as scenas dolorosas a que assistira, a cabeça estonteada pelo falar monotono de umas, pelos gritos de outras, pelas cascalhadas de riso de muitas, e que aos meus ouvidos soavam como dobre de finados...

Triste coisa, a loucura!

Triste, para quem a vê, que para elles, os pobres loucos, é a felicidade sem mancha, a felicidade de julgar realizados todos os sonhos e todas as chiméras.

Cá fóra, os outros, doídos com juizo, continuavam correndo após uma ventura para sempre defeza...

MERCEDES BLASCO



A directora acariciando uma pobre louca paralitica

(Clichés Salgado)

AS EXPOSIÇÕES

I

J. Teixeira Bastos

HA certa timidez sonhadora e muita sinceridade nos quadros do Sr. Julio Teixeira Bastos, um pintor desespalhafatoso, que realizou agora a sua quarta exposição nas salas da Casa Araujo & Bastos L.^{da}, na Rua da Palma.

Telas, em grande maioria, executadas lá fóra, sobretudo em Paris, onde o autor, qual outro Jacob, passou ultimamente sete anos ao serviço de sua Rajuel, ou seja a ambição um pouco afrancesada dos seus pinceis, amantes da névoa e do esbatido.

Não entusiasma, mas não repele, a maneira velada do Sr. Teixeira Bastos, que, familiarizado com os mestres parisienses, trata os aspectos francezes muito melhor que outros quaisquer.

A alguns dos seus apontamentos típicos da Paris monumental e arredores, nas horas em que a bruma fantasia as coisas, não falta suavidade misteriosa.

Já o mesmo, infelizmente, se não pode dizer doutros assuntos, para que se requere qualidades diferentes. Os seus tipos espanhóis e portugueses são mais fracos. A *Condução do gado* é uma hostil floresta de chifres.

Em compensação, o seu *Campo de Papoilas* tem a rigorosa secura das *afueras* madrilenas, onde a primavera se limita a uma chamasinha rasteira.

Lembrando Millet no arranjo, as *Queimadas* são mais felizes do que *A Volta do canpo*.

A *Cabeça de Cristo*, muito teatral na angustia, pareceu-me em demasia painel de indulgências.

Destacável, o carinho dos estudos de certas cabeças loiras, sobretudo a do n.º 82 do catalogo, *Perfil de mulher*, cujo cabelo tem leveza e movimento.

II

João Reis e D. Maria Luisa Reis

RUA da Trombeta, n.º 3 (ao Calhariz). Atelier fraterno de dois artistas novos, o Sr. João Reis e a Senhora D. Maria Luiza Reis, filhos do consagrado pintor Carlos Reis.

Seguindo os paternos ensinamentos e ar-

cando com as responsabilidades do seu patronimico, esforçam-se os dois jovens coloristas em servir a pintura, na medida das suas forças, como uma honrosa tradição familiar.

Não estamos, claro, diante de art-tas feitos, mas de aspirações bem encaminhadas cuja actividade segue fielmente a esteira do progenitor, com acentuada simpatia pela paisagem e pelos assuntos de ar livre, em que Carlos Reis marcou na pintura portuguesa o logar que todos sabem.

Assim, a Senhora D. Maria Luiza Reis, só nos mostra aspectos de Louzã e do Arieiro, em horas pálidas ou gloriosas, revelando um fiosi iho de melancolia na sua incipiente visão da natureza.

Em contraste, o Sr. João Reis, que em certos trabalhos mais antigos preferia os tons discretos, emprega nas suas manchas recentes uma grande exuberância de côres, apresentando-nos algumas marinhas lisboetas talvez um pouco excessivas na policromia.

E' evidentemente um pintor que ainda não descobriu por completo a sua personalidade, e que, á semelhança de muitos post-impressionistas, abusou da pochada, sacrificando a solidez e o equilibrio ao brilho dos efeitos.

A maioria dos seus quadros acabados só difere dos seus apontamentos, entre os quais citarei o *Depois da trovoad*a e um *Trecho de Caldelas*, nas proporções. A maneira de fazer é quasi a mesma, limitada a sumárias indicações, que deixam por tratar não sómente os permonores, como certas partes essenciais. Haja vista o n.º 19, *A mais cabra*, onde o desenho falha em absoluto.

Convir-lhe-ia, por isso, prestar maior atenção ás suas por emquanto deficientes faculdades construtivas, de que o retrato da senhora, que vimos na ultima exposição da Nacional, é uma frisante demonstração.

Pela alegria e rutilancia, chama os olhares o quadro n.º 21, *Estendendo a roupa*, manifestadamente influenciada pelo virtuosismo com que Carlos Reis tem, nos ultimos anos, tratado os brancos.

Agradável na sua frescura soalhenta, póde tomar-se á conta uma promessa de futuras obras em que o moço pintor, dominando a impaciente superficialidade, cuide de impôr ao seu colorismo uma estrutura mais firme.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A EXPOSIÇÃO DE D. MARIA LUIZA REIS E JOÃO REIS



Um aspecto da exposição



No dia da inauguração

No
banquete
oferecido
pelos novos



a João Vaz,
no
Restaurant
Leão

*João Vaz
o grande artista dos Mastros e das
Ondas*



*Antonio de Monsanto
Enviado especial junto da Academia
de Coimbra*



*Antonio Ferro
director da Ilustração Portuguesa*



*Augusto d'Esaguy
autor de varios livros a sair*



*O pintor Carlos Porfirio
que em breve abre uma exposição nos salões
da Ilustração Portuguesa*



*João da Silva
o escultor de Agnes Souret, a mulher mais linda
de França*



José de Almada Negreiros
Croquis «feito contra ele», se-
gundo a sua expressão



João Vaz, por João Silva



Américo Durão
Um dos grandes poetas
da geração



José Pacheco
Leader do Movimento dos Novos contra
a atitude da Sociedade Nacional de Belas Artes



Victor Falcão
Jornalista



Raul Leal



D. Tomaz de Almeida
Crítico de Arte



O grande poeta
Candido Guerreiro



A primeira reunião do conselho de ministros, do gabinete Cunha Leal